

## A NATURPHILOSOPHIE COMO CONCEPÇÃO DE MUNDO DO ROMANTISMO ALEMÃO

Maria Cristina dos Santos de Souza  
Universidade Federal do Maranhão

**Resumo:** A filosofia da natureza de Schelling (a *Naturphilosophie*) estava em íntima consonância com o movimento integral do romantismo alemão, que alcançou expressão não apenas na arte, mas também na religião e na ciência, a ponto de a concepção filosófica da natureza cunhada por Schelling ser a mesma defendida pelos poetas do romantismo alemão, e por importantes representantes de uma nova visão mística e da ciência alemã. Neste artigo nos limitaremos a demonstrar que a mesma concepção da natureza sustentada filosoficamente por Schelling, era compartilhada por outros filósofos como Herder, pelos poetas fundadores do romantismo alemão Novalis e os irmãos Schlegel, e por alguns cientistas, como Ritter, por exemplo, considerados na Alemanha de então, ou seja, no início do século XIX, como contrários à tendência positivista, que começava a crescer nos meios científicos alemães.

**Palavras-chave:** *Naturphilosophie* – romantismo – alemão – literatura – ciência.

**Abstract:** Schelling's philosophy of nature (*Naturphilosophie*) was in close agreement with the German Romanticism, which achieved expression not only in art but also in religion and in science, at the point of the philosophical conception of Schelling be the same defined by poets of German Romanticism and by important representatives of a new vision of science and of mysticism German. In this article we will show that the philosophical conception of nature by Schelling was also supported by other philosophers as Herder, by the founders of the German romantic poetry, Novalis and the Schlegel brothers, and by some scientists as Ritter, for example, considered in the early nineteenth century as opposed to the positivist trend, which started in German scientific circles.

**Keywords:** *Naturphilosophie* - Romanticism - German - literature - science.

Já em seu estágio inicial, em 1798, com a publicação do primeiro número da revista *Athenäum*, o romantismo se congrega com uma perspectiva ontológica própria. Em 1799 o filósofo Friedrich Wilhelm Schelling publica *Erste Entwurf zu einem System der Naturphilosophie*. Nessa obra ele defende a filosofia como ciência da natureza, ao mesmo tempo que apresenta seu objeto como o absoluto, concebido como unidade da natureza. É

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

necessário entender, entretanto, que a ciência da natureza, segundo ele, não consistia em uma disciplina específica, mas em um saber capaz de congrega todas as formas de compreensão da existência enquanto uma unidade ontológica. Em outra obra, de 1805, Schelling se ergue contra a fragmentação e a abstração do saber ao defender a fundamentação da epistemologia na ontologia. Da mesma forma que o ser é equiparável à unidade da natureza, o espírito que o apreende como unidade absoluta só pode fazê-lo por ser, ele também, uma unidade. Ademais, a unidade do saber científico supõe, na realidade, a unidade de todos os valores humanos ou manifestações da cultura, concebidos como modos singulares sob os quais se reflete a unidade da natureza. Schelling afirma: “Não há mais alta revelação, tanto na ciência como na religião ou na arte, que aquela da divindade do todo: bem antes, ciência e religião somente partem dessa revelação e têm sentido somente por ela” (SCHELLING, pp. 23-24)

Ainda que a *Naturphilosophie* de Schelling não possa ser reduzida unicamente a um sistema de ideias filosóficas do romantismo alemão, com certeza o cerne da inteligibilidade romântica alemã está expresso nas ideias de Schelling sobre a natureza e sobre o conhecimento da natureza. Os integrantes do grupo do *Athenäum*, os irmãos Schlegel e Novalis, fundadores do romantismo alemão, encontraram nas obras do filósofo a concepção de uma ciência integral ou total que pudesse apreender o sentido da unidade da existência.

Podemos dizer que o romantismo alemão ultrapassou os limites de um simples movimento artístico – diferente do que se passou com o romantismo francês –, de modo que seus representantes podem ser encontrados não apenas no domínio da literatura e das artes em geral, mas também na filosofia, na ciência e na religião. Assim, uma destacável característica do romantismo alemão foi ter alcançado expressão nos principais campos da cultura germânica e, de modo geral, ele se tornou o foco irradiador da crítica, no século XIX, à visão racionalista do cosmos e do homem que animava os filósofos, os cientistas e, até mesmo, os artistas das Luzes.

O que não exclui que muitos pensadores que concordavam quanto à concepção da natureza, do conhecimento e do homem, sustentada filosoficamente sob a forma da *Naturphilosophie* de Schelling, não discordassem sobre diversos outros pontos. Neste presente texto, não nos propomos apontar ou discutir estas diferenças, mas apenas conceder algumas referências que evidenciam que, no início do século XIX, expoentes da cultura alemã compartilhavam uma mesma concepção do mundo. Concepção esta que foi sistematizada filosoficamente pelas ideias de Schelling. Ao defendermos esta posição não

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

estamos desconsiderando que há mais na filosofia de Schelling do que fundamentação do romantismo alemão. Entretanto, outros aspectos do pensamento de Schelling não serão levados em conta aqui. Nesse sentido, tomamos a liberdade de em um momento estar tratando do pensamento do filósofo e, ao mesmo tempo, ou, logo em seguida, nos referirmos ao pensamento de um cientista, de um literato (na maior parte das vezes representante do movimento romântico alemão), ou de um representante da religião. O que de fato importa para nossa consideração é demarcar as mais diversas expressões do pensamento romântico alemão que pode ser delimitado como uma concepção da natureza, do conhecimento, do homem, cuja expressão filosófica foi a *Naturphilosophie* de Schelling. No presente texto, tomamos a liberdade de denominar *Naturphilosophie* a concepção que embasou a visão de mundo romântica alemã.

Ora, Schelling concebe a ciência da natureza como uma tomada de consciência. Segundo ele, a ciência não começa como que do fundo de um subjetivismo puro a se aproximar da matéria como de um objeto em si a ela estranho. A natureza já está sempre presente como uma unidade em nossa natureza singular, como está em tudo que alcançou uma individualidade e uma determinação. A consciência que se tem dela é a que ela mesma lança através de nós. Nossa consciência de si é, no entanto, apenas o começo de uma abertura para a totalidade da natureza que, com certeza, não pode ser reduzida a nossa particularidade.

Para os adeptos da *Naturphilosophia* – que, como já foi dito, não consistiam apenas em filósofos e artistas, mas também em representantes das diversas ciências - se partimos da ideia grega de *phýsis* como movimento contínuo de nascimento e perecimento, não cometemos uma extrapolação inconsequente se concluimos pela equiparação entre natureza e vida. Nessa via, não somente os animais e as plantas, mas os minerais, os rios, o mar, os astros, enfim, tudo o que está em devir é dotado de animação. Assim, herdeiros do pensamento que tudo no cosmos participa da vida, os *Naturphilosophen*, inclusive o próprio Schelling, farão do estudo da natureza um estudo da vida em geral.

Baseando-nos nas palavras de J. W. Ritter, considerado pelos próprios escritores românticos alemães um dos mais importantes investigadores da natureza, ao lado, por exemplo, de Alexandre Von Humboldt e de Baader, pode-se entender melhor a ideia de natureza como uma unidade orgânica:

O corpo é um sistema de forças que agem umas sobre as outras; cada parte é o que ela é pela mediação do conjunto e o conjunto é constituído pelas partes. (...) Este sistema não é isso o que ele é unicamente por sua realidade própria, mas somente à medida que é uma parte de um sistema dinâmico superior, o mais perfeito sistema orgânico, a natureza mesma. O que ele é ele o deve a natureza. A natureza é o ideal de todos os seres orgânicos, fechada absolutamente sobre si, eternamente em si, permanecendo isso o que ela é eternamente - a natureza. (...) Onde há um sol, onde há um átomo que não seja uma parte, que não pertença a essa totalidade orgânica, que não vive em nenhum tempo, por abraçar em si todos os tempos? O que resta, então, como diferença entre as partes do todo, entre o animal, a planta, o metal e a pedra? Não são eles todos partes constitutivas do grande animal universal, da natureza? Uma lei geral da natureza, até aqui não reconhecida, parece brilhar diante de nós! E a sequência mostrará talvez que se trata bem mais que de uma aparência. (RITTER, pp. 170-171)

Conforme Ritter, somente se considerarmos a organicidade a estrutura fundamental da natureza podemos compreender a possibilidade de organismos complexos, como os organismos vivos. Não é a natureza, a arquitetura e a dinâmica do mundo que tem na vida o seu princípio, mas o contrário, a vida somente foi possível a partir da estrutura ontológica universal que é dinâmica em si e só, assim, pode dar conta do devir universal. Na citação acima, Ritter também se refere à lei geral da natureza, segundo ele, ainda não reconhecida, a partir da qual, por certo, se poderia explicar a correspondência e a interdependência das partes na totalidade do cosmos.

A preocupação com um primeiro e universal princípio não é uma constante somente em Ritter, mas em muitos outros simpatizantes da *Naturphilosophie* como, por exemplo, Henrich Steffens, discípulo de Schelling e Lorenz Oken, o qual se dedicou, sobretudo, aos estudos de geologia. Contudo, não obstante estes autores estarem comprometidos com a busca da comprovação empírica e da objetividade, e por isto mesmo serem bastante admirados por outros adeptos da *Naturphilosophie*, como, por exemplo, o poeta Novalis, todos são marcados pela consciência de que as leis que regem a totalidade da natureza e os princípios originais de sua formação e regulação não são absolutamente acessíveis ao domínio experimental, ou seja, ao tipo de abordagem limitada e circunscrita da ciência positiva, não obstante a experiência guardar e revelar, sob a forma de pistas, um sentido da natureza cujo significado pleno não pode ser captado experimentalmente. Novalis esclarece:

a experimentação reclama o *gênio* da natureza, quer dizer, essa maravilhosa aptidão a apreender o sentido da natureza – e a tratá-la no espírito da natureza. O autêntico observador é um *artista* – ele pressente o *significativo*

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

e, através da estranha mistura dos fenômenos que passam, ele fareja aqueles que são importantes (NOVALIS, pp. 136-137)

Herder, outro adepto da *Naturphilosophia*, acredita na possibilidade do conhecimento da totalidade por pressupor que as forças atuantes no macrocosmo são as mesmas que movem os seres individuais, de modo que cada ser é um microcosmo das forças originais e universais. Ele afirma: “É uma única e mesma força que criou o brilhante sol e que mantém meu grão de poeira; (...) A força que pensa e age em mim é por natureza tão eterna quanto aquela que mantém reunidas os sóis e as estrelas” (HERDER, p. 85).

Ayrault relata que Ritter, numa correspondência enviada em 1808 a Baader, seu amigo e também estudioso da natureza, comenta que o médico alemão Karl Friedrich Kielmeyer lhe parecia “a natureza conduzida à consciência dela mesma” (AYRAULT, p. 299) Com a obra intitulada *Sobre as relações das forças orgânicas entre elas na série das diversas organizações, sobre as leis e sobre as consequências dessas relações*, publicada em 1793, Kielmeyer brilha diante dos *Naturphilosophen* como exemplo de perseverança e vigor científico, pois, ao mesmo tempo que ele se dedica aos fenômenos físico-químicos, não deixa de asseverar que a diversidade desses fenômenos tem como princípio uma força originária que não pode ser reduzida à linguagem científica.

Não obstante o romantismo não ter forjado o conceito de conhecimento trágico, a consciência dos limites da racionalidade em sua apreensão do absoluto norteia a visão romântica do conhecimento e de sua relação com a arte. Schelling afirma que a natureza:

(...) parece reservar um mistério e apenas revelar certos de seus aspectos. Diante dessa divina confissão e dessa multiplicidade inumerável de formações, o espectador dessas obras acabará por renunciar a toda esperança de as apreender com seu entendimento e se encontrará introduzido no *Sabbat* sagrado da natureza. (...) Pois a natureza somente nos fala se nós mesmos permanecemos mudos. (SCHELLING, pp. 121-122)

Ele quer significar que a contemplação da rica multiplicidade e da perfeição dos processos e seres naturais acaba por despertar no conhecedor o sentido da natureza enquanto uma unidade sagrada e, portanto, inapreensível através dos instrumentos científicos. Ele, como todos os românticos, busca revitalizar a relação do homem e da natureza pela superação das faculdades de conhecimento que contribuíram, na verdade, para que o homem perdesse o sentido de sua presença no mundo, na medida que o saber universal deixou de se remeter à força criadora original do mundo e do próprio saber. Schelling, ao asseverar que o homem

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

tomado de admiração pelas obras da natureza “se encontrará introduzido no *Sabbat* sagrado da natureza”, ou seja, se tornará um iniciado nos mistérios da natureza, não quer dizer que seja possível desvendar absolutamente a verdade da existência, mas apenas vislumbrá-la, pressenti-la. Mme. de Staël, representante do romantismo francês, cujo mentor era, contudo, o romântico August. W. Schlegel, em sua obra *De l'Allemagne*, na qual traça com precisão os pressupostos fundamentais da perspectiva romântica da natureza, se acorda com Schelling ao fazer referência ao espírito maravilhoso que toma o homem e o enche de admiração pela exuberante natureza. Ela diz: “Quando o homem é devorado, ou antes, reduzido à poeira pela incredulidade, esse espírito maravilhoso é o único que restitui à alma uma potência de admiração sem a qual não se pode compreender a natureza” (STAËL, 463). Desde então, o homem passa a ser guiado pelo sentimento, pelo espírito de adivinhação e pela potência da imaginação, ao invés da racionalidade. O espírito maravilhoso é o que dispõe o homem em relação à instância do mistério, do estranho, que se manifesta como sagrado. Com os românticos a natureza é considerada, então, também, por seu caráter divino..

Em conformidade com essa perspectiva, a imaginação passou de subsidiária do entendimento, a serviço do conhecimento racional, a substrato e à força de criação da natureza e do homem. Os românticos tomam *Einbildung* (*imaginação/fantasia*), como a própria essência do mundo. Conforme Novalis afirma: “O mundo é uma imaginação perceptível pelos sentidos e tornada máquina. É a imaginação que mais facilmente é a primeira a ter vindo ao mundo ou tornada mundo... (...) A natureza é uma cidade petrificada pelo encantamento” (NOVALIS, p. 387). A imaginação é concebida como a força de conformação do mundo (*Bildungskraft*), imanente à natureza, que se impõe à matéria para lhe dar um sentido. O universo inteiro é resultado da força plástica da natureza como a obra de arte deriva da imaginação do artista. Victor Hugo, representante do romantismo francês, também se refere à força criadora da natureza como uma força do sonho, de imaginação, no mesmo espírito dos *Naturphilosophen*: “A natureza outrora não sonhou também? O mundo não se esboçou por um sonho? (...) No mastodonte, no mamute, paleóntero, no dinótero gigante, no ictiossauro, no pterodáctilo, não há toda incoerência do sonho?” (HUGO, p. 384)

Ao engendrar o mundo, a natureza não seguiu nenhum plano racional, mesmo que traçado por ela mesma. Nesse sentido, o que existe não é o mais razoável, mas o resultado da fantasia, dos jogos fantásticos da natureza. O mundo como um todo e também o homem são concebidos como filhos da fantasia. A associação de criação e de imaginação se esclarece se

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

entendermos que o que está em jogo no contexto da perspectiva romântica da natureza é a consideração do sentido específico de criação artística, cuja representante, por excelência, é a poesia. Sobre o sentido de poesia em Schlegel, Diego S. Meca comenta:

O poético não é aqui, propriamente, a composição poética (*Dichtung*), mas a força poética que compõe e cria (*Poesie*), e que, na história da humanidade, em seu progressivo aspirar à totalidade, é a mesma força que impediu sempre a estabilização do mundo em uma ordem estática, momentânea e parcial, contrário a seu impulso de auto-superação contínua mediante a troca e a produção de formas sempre novas. (SCHLEGEL, p. 26)

O homem como todas as criaturas se alçaram à existência como figuras de sonho, frutos da imaginação infinita da natureza. A *poiesis* da natureza, de fundamento onírico e fantástico, faz de suas criaturas verdadeiras obras de arte. No entanto, o homem é a única obra de arte da natureza que pode se abrir ao seu fundo criador e se contemplar sob a perspectiva desse fundo. Ao mesmo tempo que se contempla como obra, ele pressente em si a inesgotável força plasmadora da natureza. Deixando fluir em si a força poética cosmológica, o homem, enquanto gênio da espécie, compõe mundos a partir do mundo, criando, assim, possibilidades infinitas e inauditas à imaginação criadora da natureza. É o que conduz Friedrich Schlegel a afirmar: “Se chama artistas a muitos que são obras de arte da natureza” (*Ibid.*, p. 49).

A *poiesis* artística é determinante não somente do valor da arte, mas, também, da filosofia, ou mais propriamente, da *Naturphilosophie*. Schelling tem uma aspiração: “A filosofia é também poesia, mas sonhamos que ela não seja uma poesia tagarela e superficialmente subjetiva, mas uma poesia interior, inata ao objeto mesmo, exatamente como a música das esferas. Que a coisa comece a ser poética antes que a palavra o seja” (SCHELLING, pp. 23-24). Também o físico e *Naturphilosopher* Ritter entende o conhecimento da natureza como uma poética, ele diz: “(...) a terra mesmo foi primeiro artista e poeta antes de se tornar física, e o indivíduo só faz repetir a história do todo” (RITTER, p. XXXIV). Ao definir a *Naturphilosophie* como saber das forças primitivas e fundamentais da natureza, Schelling queria significar que a filosofia é o saber gerado a partir dessas forças originárias enquanto sentido poético forjado delas e por elas mesmas, cuja participação da humanidade é servir de veículo a esse saber emanado da própria natureza. No saber da

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

natureza é esta que fala através do homem e sempre a partir de sua força imaginativa criadora de sentidos de mundo.

O filósofo é genuinamente inventor à medida que imagina situações, experimenta combinações, ensaia hipóteses, inventa novas possibilidades, determina as perspectivas, nas quais a natureza acaba por se manifestar segundo o parâmetro, não do mais verdadeiro, porém do mais relevante e significativo. Na verdade, o filósofo apenas imita a disposição da natureza, que joga, experimenta, enfim, imagina e, assim, cria seres e mundos. Ele encarna o espírito do gênio por elevar ao sentido à poética cosmológica. Novalis afirma também neste sentido ao se referir a física como arte:

*Doutrina da arte física.* Bem raros são os homens que tem o *gênio* necessário para experimentar. O autêntico experimentador possui necessariamente nele um *obsuro sentimento da natureza* que, na medida que suas disposições são perfeitas, o conduz mais seguramente na sua operação, e lhe permite com mais exatidão descobrir e determinar o fenômeno escondido que é decisivo. (...). (NOVALIS, pp. 141-142)

O conhecedor se aproxima da natureza não pela via do entendimento, mas do sentimento. Por essa via ele não pode decifrá-la, pois a totalidade da natureza não se oferece em sua completude a um ser individual, cujas condições de conhecimento são sempre limitadas. No entanto, a natureza singular deste último o permite entrar em simpatia e afinidade com a natureza universal, da qual participa, pela via do sentimento. Assim, o que se comunica a ele nunca é um conteúdo de verdade, mas a energia criadora original que faz dele uma natureza também criadora. A imaginação, força plástica (*bildende Kraft*) cosmológica, passando a dominar o seu ser faz dele um imitador da natureza. Na verdade, o que se comunica ao conhecedor é a fonte poética, imensa e inesgotável, que sustenta e renova continuamente a existência, sem nunca fazer dela uma unidade completa e acabada. O conhecimento está longe de representar a completude e o acabamento do mundo pela racionalização e sistematização dos dados da existência. O sentido do mundo apenas reflete a infinidade e irracionalidade ontológica. O domínio das palavras consiste em um prolongamento da poética universal que engendra continuamente o cosmos, sendo o meio através do qual o próprio vigor e a inventividade original se alçam à poética das palavras. Schlegel comenta que



De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

O mundo da poesia é tão imenso e inesgotável como o reino da natureza doadora de vida o é nas plantas, animais e formações de toda espécie, figura e cor. (...) Mas essa é a poesia primeira e originária sem a qual seguramente não haveria nenhuma poesia das palavras. (...) Somos capazes de escutar a música desse mecanismo infinito, de compreender a beleza desse poema, por que uma parte do poeta, uma centelha de seu espírito criador, vive também em nós e nunca deixa de arder com o oculto vigor sob as cinzas da desrazão que cada qual procura (SCHLEGEL, p. 96).

No entanto, o homem somente pode se abrir à inesgotável potência poética de sua própria natureza se percebê-la como o que há de essencial e originário em todo existente, enquanto dádiva da natureza universal. Como a planta gera flor, como os animais procriam, a ele foi concedida a poética do sentido. Nessa via, a natureza se revela a ele como o inextricável mistério da graça e como que cheia de deuses, como dizia o filósofo grego Tales. Todas as faculdades humanas são subordinadas no homem àquela que corresponde o mais intimamente aos desígnios naturais: a imaginação, equiparável a uma potência divina. Novalis acrescenta: “O que se convencionou chamar de psicologia é apenas um desses fantasmas que tem tomado os lugares, nos santuários, que autênticas imagens de deuses deveriam ocupar” (*Ibid*, p. 387). O homem é interpelado a dar o sentido de unidade à existência não a partir de si mesmo enquanto sujeito do conhecimento, incapaz de abarcar a totalidade, mas deixando atuar em si a energia conformadora de mundos que se irradia do antro da natureza como poder divino. Ora, a imaginação ou fantasia a serviço da construção do sentido cosmológico é caracterizada pelos românticos como capacidade mitopoética.

Em seu escrito *Discurso sobre a mitologia*, publicado entre os últimos fascículos da revista *Athenäum*, em 1800, Friedrich Schlegel declara ser a mitologia, considerada como um poema infinito, a mais artística de todas as obras de arte, por unificar todas as demais e guardar em si a fonte originária de toda poesia. Se de um lado ele afirma que poesia (*Poesia*) e mitologia formam uma unidade indivisível, de outro, ele identifica na poesia (*Dichtung*) moderna a ausência da mitologia, a ponto de afirmar que:

(...) nossa poesia tem falta desse centro que era a mitologia para os antigos e que o essencial em que a arte moderna fica atrás da antiga consiste nessas palavras: nós não temos mitologia. Mais eu acrescento: nós estamos a ponto de ter uma, ou antes, é tempo para nós de contribuir seriamente para criar uma (*Ibid.*, p. 118).

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
*A Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

Schlegel se refere à mitologia como centro da arte poética entre os antigos, considerando tanto a poesia quanto a mitologia a partir de uma perspectiva bem diferente da usual. O que ele privilegia é a apreensão da verdade do mundo, mas de uma verdade que se revela velando-se. Schlegel projeta um empreendimento artístico que seja capaz de engendrar a obra de arte total (*Gesamtkunstwerk*), que ele como os outros românticos compreendem como poesia, mas que é, ao mesmo tempo, filosofia, ciência e, sobretudo, mito, expressão, como síntese cultural, da unidade e da vitalidade da natureza. Ele vê na mitologia a forma de restituição da origem que resguarda, mesmo de forma simbólica – aliás, única ao alcance do homem - a verdade dessa origem. Não obstante a simbologia mitológica revelar a limitação do conhecimento humano, ela revela simultaneamente as possibilidades infinitas e múltiplas de manifestação da natureza. Schlegel comenta:

Toda essa bela mitologia, o que é ela a não ser expressão hieroglífica da natureza (...), transfigurada pela fantasia e pelo amor? A grande superioridade da mitologia é de dar a ver, e de manter espiritualmente sensível, o que de hábito escapa continuamente à consciência, da mesma forma que o envoltório do corpo faz brilhar a alma a nossos olhos e a faz falar às nossas orelhas. (...) A mitologia é uma tal obra da natureza (*Ibid.* 319)

No mito ressoa o encontro, mais do que isso, o diálogo, entre o homem e a natureza em relação ao qual Schlegel nutria firmes esperanças ao pensar no encaminhamento da cultura alemã que estava sendo promovido naquele momento pelos amigos de Iena. A mitologia clássica tinha, para todos os românticos, seu lugar de honra. Os gregos foram os primeiros a fazer dos seus mitos o lugar do sentido de sua presença no mundo. Assim, a importância do classicismo se justificava aos olhos dos românticos, pelo o resgate da arte e da mitologia grega que ele proporcionara. Goethe escreveu sua *Ifigênia em Taúrída* e fascículos da revista *Athenäum* foram dedicados a traduções de elegias e idílios gregos.

A poesia antiga escapa, com os românticos, de se reduzir a um caos poético caracterizado pela multiplicidade de suas formas, e se eleva, ao contrário, à realidade de um poema único e indivisível e, portanto perfeito, pela força ordenadora e harmônica do mito. A construção de uma mitologia reflete e imita, enquanto construção de um sentido de mundo, a relação da pluralidade de processos e seres naturais com o fundo único e original da natureza, realizando a unificação do conjunto variegado de poemas de um povo pela unidade espiritual

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
*A Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

que se expressa em uma visão de mundo de fundamento ontológico. Assim, se a mitologia grega conservou sua vitalidade desde a Antiguidade isso se deve ao fato de ela ter representado as intuições e percepções de mundo genuinamente gregas. Sua universalidade deriva justamente de sua capacidade de ter criado a alma grega. Pois, se os gregos tiveram uma mitologia isso significa que tocaram o limite do conhecimento humano, que se abriram à esfera do mistério da origem e do devir do homem e do mundo no qual ele habita. Significa, além disso, que transpuseram a linha a partir da qual o sentido da vida de revela apenas fugazmente, e que souberam exprimir essa experiência quase inefável e universal sob a forma do que hoje cultuamos como grego.

Schlegel nutre a esperança por uma visão artística de mundo gerada a partir da fantasia original e primitiva da natureza. Por outro lado, ele se opõe à ideia da poesia como produto da fantasia subjetiva - comprometida apenas com a produção de poemas individualizados, erigidos como expressão de dilemas pessoais, e que, no conjunto, perfazem um todo caótico e artificial - afirmando, ao contrário, a poesia como manifestação do mais elevado, do espiritual, da unidade cosmológica. Ademais, Schlegel busca resgatar os deuses como os produtos originais da fantasia humana, que, sem o arcabouço mitológico, deixam de participar na composição do mundo, para a qual foram primitivamente erguidos como representantes supremos do destino universal.

Segundo Schlegel, a mitologia corresponde à imagem simbólica da natureza, ou seja, à transfiguração da energia criadora original em fantasia radiante e gloriosa. As mitologias gregas lograram representar o mundo como jogo harmonioso entre seres superiores, coroados de beleza e esplendor, os deuses. Através da fantasia, os gregos se projetaram como deuses e a existência como mundo organizado sob a forma hierárquica das potências divinas. Esse estado de harmonia e de beleza, a partir do qual deram expressão ao mais elevado e fundamental, foi instaurado pela atuação da força mitopoética da natureza, capaz de dar direção e unidade ao conjunto informe e caótico da poesia. Schlegel assevera que o que falta a poesia moderna é justamente esse poder de harmonização e de unidade que eleva todo caos poético de um povo a categoria do mito. Ele diz: “É evidente que a poesia moderna, ou não alcançou a meta a que aspira, ou sua aspiração não tem uma meta sólida, sua formação nenhuma direção determinada, a massa de sua história nenhuma coerência interna, o conjunto nenhuma unidade” (*Id.*, p. 217). Entretanto, ele acredita que as condições estão reunidas para

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

criação de uma nova mitologia, única capaz de proporcionar unidade ao caos poético ensejado na modernidade.

Ademais, a mitologia é a verdadeira alternativa ao conhecimento racional na medida que o que escapa absolutamente à consciência é dado à contemplação no mito. Schlegel novamente explica:

Um grande privilégio tem a mitologia. O que de outro modo foge eternamente a consciência, é aqui possível contemplá-lo de maneira sensível-espiritual e fixá-lo como a alma no corpo que a envolve, e por ele que ela aparece aos nossos olhos, fala aos nossos ouvidos. (*Ibid.*, p. 122).

Assim além de dar unidade a poesia e, assim, remetê-la a sua fonte original, a mitologia representa a nova forma de conhecimento da natureza, a nova física, ou como diria Schelling, a física especulativa ou *Naturphilosophie*. A nova mitologia seria o meio de ultrapassamento do sistema, da visão racionalizada da natureza, e forma de unificação da fragmentação poética ao mesmo tempo da natureza e da cultura. Nesse sentido, a ciência da natureza só pode lançar alguma luz sobre a origem e o princípio eterno da natureza pela via do mito, cujo substrato é essencialmente a fantasia.

No entanto, se não é o conhecimento, o que faz da mitologia o reflexo e o eco da natureza? Schlegel responderia: o sentimento (*Gefühl*). Não somente Schlegel, mas todo romantismo representa a tentativa de resgatar as potências do instinto e da afetividade em detrimento do entendimento e da razão, como fatores fundamentais da presença do homem no mundo. Nesse sentido, então, o *Gefühl* remete ao *Gemüt* e ao *Stimmung*, termos alemães difíceis de verter para outra língua. O *Gemüt* não se situa no homem nem na natureza, mas corresponde à manifestação mais primitiva da natureza no homem sob a forma do impulso masculino e do impulso feminino, os quais representam toda contrariedade constitutiva do ser do homem, como diria Michelet, “criança e maduro, bárbaro e civilizado, povo e aristocracia” (MICHELET, p. 211). O *Gemüt* é traduzido por Lacoue-Labarthe e Nancy por *coeur* (coração) (Cf. LACOUÉ-LABARTHE E NANCY, p. 436) que comumente traduz *Herz*. No entanto, *Gemüt* não se reduz absolutamente ao coração, a um órgão representativo da afetividade humana. Seu alcance ultrapassa o domínio fisiológico ou psicológico do homem e remete, na verdade, à ontologia.

Em *Gemüt*, *Mut* significa coragem, ânimo e o prefixo *ge-* tem a função de reforçar e reunir o sentido da palavra a que ele se acopla. Buscando uma tradução próxima ao sentido

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

romântico da palavra, poderíamos dizer que *Gemüt* consiste na “unidade do ânimo”, levando-se em conta que o ânimo, nesse caso, não se reduz a uma disposição humana. A vitalidade do mundo revela o ânimo como uma disposição da própria natureza, que emparelha forças e polos antagônicos imanentes, em sua dinâmica criadora. Assim, também no homem, cuja constituição reflete as contradições da própria natureza universal, os polos discordantes se emparelham desde a procriação até a criação da obra de arte. A poesia advém da dinâmica e da harmonização do *Gemüt*, fonte que ao mesmo tempo a anima e a unifica.

Outra noção importante, a qual o *Gefühl* remete, também sem equivalente em outra língua, é *Stimmung*. O significado desse termo associa ânimo, poesia e música. Ele equivale à expressão da unidade do animo, do *Gemüt*, porém sob a forma da proporção e da harmonia. A unidade espiritual a partir da qual emergem os valores, as simpatias e as antipatias, as harmonias e desarmonias, os acordos e desacordos, variam segundo a diversidade dos graus de correspondência entre o homem e o mundo, enfim, entre todos os seres, ou seja, segundo os *Stimmungen*. Segundo a visão romântica, as modulações musicais e as correspondências matemáticas expressam o equilíbrio do ânimo do próprio mundo. Os elementos constitutivos do cosmos se acordam e se afinam de tal modo que do fundo da natureza ecoam sons e ritmos que traduzem a dinâmica musical do devir. Nesse sentido, a flauta de Pan e a harpa eólica são os instrumentos privilegiados para os românticos, por traduzirem a harmonia e o ritmo dos movimentos imanentes ao cosmos. Segundo Carl Gustav Carus, o *Gemüt* se exprime sob a forma de quatro *Stimmungen* fundamentais, a alegria, a dor, o amor, o ódio, aos quais correspondem tons harmoniosos ou discordantes que denunciam estados de equilíbrio próprios do *Gemüt*.

Como expressão da unidade do ânimo, o *Stimmung* revela a unidade de todos os seres, como consonância ontológica, pois o *Gemüt* consiste na restauração da unidade cosmológica perdida sob a forma de um acordo harmonioso. No homem o *Gemüt* consiste no foco de abertura ao fundo originário do cosmos, no que perfaz a unidade do ser do homem como reflexo da unidade universal. O *Gemüt* corresponde ao ultrapassamento do caos originário como fundamento da criação. Tanto a poética humana quanto a poética da natureza são possíveis pela força do *Gemüt*. Georges Gusdorf esclarece que para os românticos, no homem, o “*Gemüt* designa a faculdade de orientação ontológica, em oposição às potências racionais, que permite ao homem a feliz reintegração ao seio de uma verdade não mais

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

dissociante, destruidora do humano, mais unitária, operadora da unidade (...)” (GUSDORF, p. 100).

O *Gemüt* é o lugar em que a poética individual se dissolve na poética universal e ao mesmo tempo a reflete, lugar em que a universal natureza se manifesta sob a forma da criação individualizada. Madame de Stäel, sob a influência dos irmãos Schlegel, afirma:

A simetria das formas, no reino vegetal e animal, serviu de modelo aos arquitetos; e o reflexo das ideias e das cores na onda dá a ideia das ilusões da pintura; o vento cujo murmúrio se prolonga sob as folhas, nos revela a música. (...) Frequentemente, quanto ao aspecto de um belo país, se tentou crer que ele tem por único alvo de excitar em nós os sentimentos elevados e nobres. Eu não sei qual relação existe entre os céus e o orgulho do coração, entre os raios da lua que repousam sobre a montanha e a calma da consciência.... (STÄEL, p. 570).

O *Gemüt* é o fundamento da inventividade poética tanto na natureza como no homem. Para os românticos, a imaginação, meio por excelência da poesia, ocupa o lugar de honra entre as demais faculdades por pressupor a unidade do ânimo, *Gemüt*, em âmbito universal. Novalis pergunta “o mundo não é finalmente *Gemüt*?” (NOVALIS, p. 308) Sendo assim, Novalis conclui pelo primado da poesia sobre a realidade, pois “a poesia é a arte de colocar em movimento o *Gemüt*” (*Ibid.*, p. 309). A poesia, segundo Novalis, revela, enquanto representação, o mundo interior das forças ontológicas sob as espécies da palavra. A poesia, nesse sentido, é efetivamente criadora de mundos, ao mesmo tempo, então, que a realidade é considerada a partir de sua essência onírica e artística.

A potência do *Gemüt* no homem se manifesta pela via do sentimento (*Gefühl*) que o interpela de modo imediato e necessário para a existência. O sentimento no homem traduz o ânimo que corresponde à vida no todo. Os sentimentos de amor, de ódio, de alegria, de pena, representam modalidades de fusões do homem, ser individual, com o curso da vida. Na multiplicidade das formas do sentimento se configura a relação simbólica entre a vida hegemônica e indivisível e as expressões reveladoras de sua onipresença e indivisibilidade. O sentimento restitui o primado da simpatia universal, o símbolo, no homem, da fusão afetiva de todas as coisas. *Gefühl* remete a *Gemüt* e vice-versa, pois se trata, na verdade, do ser integral do homem como espelho da unidade universal. O *Gefühl* reúne as dimensões humanas do desejo, do pressentimento e da capacidade visionária do homem, sob a forma do sonho, do sonambulismo, da transmissão do pensamento, manifestações que passam a ser estudadas pela medicina romântica como estados terapêuticos por mobilizarem o homem por

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

inteiro enquanto mergulhado na unidade da natureza. Segundo Maurice Besset, para Novalis “Os sonhos são o produto da ação em nós de forças superiores e o *Gemüt* é apenas o eu enriquecido dessa ação. Ele é ao mesmo tempo *interior intimo meo*, e ultrapassa, transcende, o eu individual, com a marca em cada homem de uma alta potência” (BESSET, p. 160). O *Gemüt*, portanto, não se remete somente a nossa dimensão afetiva ou emotiva, mas se refere à constituição da própria realidade.

A capacidade visionária ou clarividente revela uma profunda sensibilidade às influências cósmicas, que passa a ser amplamente investigada pela ciência romântica. O galvanismo, o magnetismo e a eletricidade são estendidas, em um estudo mais amplo da vida a que se propõe a ciência romântica, ao domínio da animalidade, a partir do pressuposto da não distinção do orgânico e do inorgânico e, fundamentalmente, da integração de todos os seres no seio da natureza. A abertura espiritual que caracteriza o visionário o torna sensível às propriedades e forças presentes em todas as esferas do cosmos. Justinus Kerner, poeta, literato e médico romântico, após ter convivido durante três anos com uma sonâmbula e visionária, observando e anotando suas visões como testemunhos de uma abertura às potências da natureza, comenta sobre os estudos de Schubert:

Em sua *História natural*, Schubert faz remarcar que resulta de muitas observações que o reino mineral tem profundas e mágicas ligações com a natureza do homem e suas relações espirituais. A clarividência magnética provou que não somente o contato, mas mesmo a simples vizinhança dos metais, produz efeitos que não têm nada de químico ou de mecânico. Tais resultados parecem antes produzidos pela existência de um fluido especial, magnético ou elétrico, ao qual permanecemos insensíveis no estado ordinário (KERNER, pp. 1557-1558).

Nessa passagem Kerner chama atenção sobre a conclusão de Schubert a respeito da ligação misteriosa da natureza e do homem colocando em jogo o reino mineral e a sensibilidade genuinamente humana. A comunicação entre as duas esferas, segundo Kerner, aponta para possibilidade da existência de um fluido comum - ao qual o homem se torna sensível em situações extraordinárias evidenciadas pelas capacidades clarividente e onírica - que explicaria a afinidade entre elas. Tanto o visionário, o clarividente, quanto o artista são dotados dessas capacidades, mas o que denuncia a genialidade artística é o dom de partilhar as revelações a que ela tem acesso. Justinus Kerner possuía uma harpa eólica em seu jardim e

De Souza, Maria Cristina dos Santos  
*A Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

se sentia, enquanto artista, também um instrumento que deixa vibrar em si os ritmos e as harmonias do mundo.

No homem, mais do que nos outros seres, o anelo, a aspiração, se apresenta sob a forma mais intensa e norteadora do devir. A cultura é compreendida como âmbito em que o fundo anelante da existência, mais do que em qualquer outra estação ontológica, flui, se potencializa, assumindo a forma a mais próxima possível de uma pura força, pura intensidade. Tomar a imaginação como pedra de toque, ao mesmo tempo do engendramento da natureza e da cultura, é considerar a criação, a partir da insaciável aspiração no seio da existência, sob a égide da ilusão, da aparência.

Tudo o que vem a ser está fadado a incrementar, ao invés de apaziguar, a escalada do devir no sentido de possibilidades sempre novas e insuficientes. Entretanto, o domínio da cultura, e da arte especificamente, constitui possibilidades de engrandecimento e de elevação da qualidade da ilusão, na medida que o impulso ontológico criador se orienta progressivamente à geração das mais perfeitas e belas ilusões. Mais do que isso, a arte constitui o domínio em que a ilusão se torna o veículo, por excelência, da manifestação da unidade e da verdade da existência, ou seja, de seu princípio originário, o *Urerde*, segundo Lorenz Oken, o *Urtypus*, segundo Steffens, Na geração da obra de arte é congregada, na verdade, a totalidade do movimento do devir sob a forma da hierarquia dos seres cujo cume é o homem, ou mais propriamente, o gênio, tipo superior da humanidade, capaz de orientar o impulso poético e artístico ontológico à produção de obras ao mesmo tempo reveladoras da unidade e da verdade da natureza.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYRAULT, R. *La genèse du romantisme allemande*. Paris: Aubier, 1961.
- BESSET, MAURICE. *Novalis et la pensée mystique*. Paris: Aubier, 1947.
- DE STAËL, M. *De l'Allemagne in: Oeuvres complètes*. Paris: Firmin Didot, 1871.
- GUSDORF, G. *Le romantisme II*. Paris: Payot, 2002.
- HERDER. *Idées pour la philosophie de l'histoire de l'humanité*. Trad. Max Rouche. Paris: Aubier, 1962.
- KERNER, JUSTINUS. *Romantiques allemands*. Vol. III. Paris: Gallimard, 1973.
- LACOUÉ-LABARTHE ET NANCY. *L'Absolu littéraire*. Paris: Seuil, 2001.
- MICHELET, J. *L'amour*. Paris: Librairie Hachette & Cie, 1865.



De Souza, Maria Cristina dos Santos  
A *Naturphilosophie* como concepção de mundo do romantismo alemão

NOVALIS. *L'Encyclopédie*. Trad. Candillac. Paris: éditions de minuit, 1966.

RITTER, J. W. *Beweiss dass ein beständiger Galvanismus den lebensprocess in dem Thierreich begleite*. Weimar: Industrie-Comptoir, 1798.

\_\_\_\_\_. *Fragmente aus dem Nachlasse eines jungen Physikers*. Heidelberg: Mohr & Zimmer, 1810.

SHELLING, F. W. J. Aphorismos pour introduire à la philosophie de la nature in: *Oeuvres métaphysiques*. Trad. Courtine et Martineau. Paris: N. R. F., 1980.

\_\_\_\_\_. *Idées pour une philosophie de la nature in: Schelling – Essais*. Trad. Jankelevitch. Paris: Aubier, 1946.

\_\_\_\_\_. *Introduction à la première esquisse d'un système de la philosophie de la nature in: Schelling – Essais*. Trad. Jankelevitch. Paris: Aubier, 1946.

SHELLING, FRIEDRICH. *L'âme du monde*. Paris: Editions Rue D'ulm, 2007.

SCHLEGEL, FRIEDRICH. *Poesia y filosofia in: Conversacion sobre la mitología*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2005.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos*. Barcelona: Marlot Ediciones, 2009.

\_\_\_\_\_. *Kritische Friedrich Schlegel Ausgabe*. München: Verlag Ferdinand Schöningh, 1958.

[Recebido em maio de 2010; aceito em junho de 2010.]